

**FACULDADE ASSEMBLEIANA DO BRASIL – FASSEB
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

LEANDRO OLIVEIRA MARTINS

O PROBLEMA TEXTUAL DE MARCOS 16

GOIÂNIA
2023

LEANDRO OLIVEIRA MARTINS DOURADO

O PROBLEMA TEXTUAL DE MARCOS 16

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade Assembleiana do Brasil, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação da profa. Dr^a. Lázara Divina Coelho.

GOIÂNIA
2023

**FACULDADE ASSEMBLEIANA DO BRASIL
BIBLIOTECA CENTRAL**

CIP - DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

D739p Dourado, Leandro Oliveira Martins.
O problema textual de Marcos 16 / Leandro Oliveira Martins Dourado
– 2022. 24 f.

Orientadora: Lázara Divina Coelho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Faculdade
Assembleiana do Brasil, Bacharelado em Teologia, Goiânia, Goiás,
Brasil, 2022.

1. Teologia. 2. Bíblia – Novo Testamento – Marcos. 3. Marcos – Final
breve. 4. Marcos – Final longo. I. Título. II. Coelho, Lázara Divina.

CDU: 2

Ficha Catalográfica elaborada por:

Dannilo Ribeiro Garcês Bueno
Bibliotecário
CRB1: 2162

LEANDRO OLIVEIRA MARTINS DOURADO

DATA DE APROVAÇÃO: 15/12/2022

BANCA EXAMINADORA:

Lázara Divina Coelho

Lázara Divina Coelho (orientadora)
Faculdade Assembleiana do Brasil

Fábio de Sousa Neto

Fábio de Sousa Neto (Examinador 1)
Faculdade Assembleiana do Brasil

Cleub Evaristo

Cleub Evaristo (Examinador 2)
Faculdade Assembleiana do Brasil

RESUMO

DOURADO, Leandro Oliveira Martins. **O problema textual de Marcos 16**. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Teologia) – Faculdade Assembleiana do Brasil, Goiânia, 2022.

Esse artigo tem a finalidade de discorrer sobre o final do evangelho de Marcos 16. Um texto que é bastante questionável no que diz respeito ao seu verdadeiro final. A Crítica Textual nos mostra que os dois finais mais debatidos e pesquisados são os assim chamados "final breve" e o "final longo". Códices antigos e Pais da Igreja são fundamentais para a compreensão de quais desses finais tem credibilidade e aceitação até o dia de hoje.

Palavras-chave: Novo Testamento. Marcos 16. Final Breve. Final longo. Manuscritos.

ABSTRACT

DOURADO, Leandro Oliveira Martins. **The textual problem of Mark 16**. 26 f. Completion of Course Work (Theology Course) – Faculdade Assemblyana do Brasil, Goiânia, 2022.

This article aims to discuss the end of the Gospel of Mark 16. A text that is quite questionable with regard to its true ending. Textual Criticism shows us that the two most debated and researched endings are the so-called "short ending" and the "long ending". Ancient codices and Church Fathers are fundamental for understanding which of these endings has credibility and acceptance until today.

Keywords: New Testament. Mark 16. Brief Ending. Long finish. Manuscripts.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 OS DOIS PRINCIPAIS FINAIS DO EVANGELHO DE MARCOS: A POSIÇÃO CRÍTICA.....	8
2.1 O “Final longo”	9
2.2 O “Final breve”	13
3 OS DOIS PRINCIPAIS FINAIS DO EVANGELHO DE MARCOS: A POSIÇÃO CONSERVADORA	14
3.1 O argumento textual.....	14
3.1.1 Códice Sinaítico (κ ou 01).....	15
3.1.1.2 Códice Vaticanus (B ou 03)	16
3.1.1.3 Os Pais da Igreja	17
3.2 O argumento bibliológico	19
3.3 Outros argumentos	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

Este artigo insere-se na área de Teologia, especificamente a linha de pesquisa Teologia Exegética, no objetivo de discutir um dos pontos mais polêmicos da pesquisa manuscritológica do momento, que é o final de Marcos 16.

Segundo o linguista e manuscritólogo Gilberto (Wilbur) Norman Pickering (s./d.), em “Qual o texto original do Novo Testamento”, há mais de 5000 manuscritos gregos do Novo Testamento conhecidos e catalogados. Eles variam em tamanho (desde pequenas partes de dois versos até o texto completo do Novo Testamento), data (do segundo até o século dezesseis), geografia (todos provêm de diversas partes do mundo Mediterrâneo) e várias centenas de milhares de leituras variantes (diferenças no texto, isto é, qualquer alteração na redação de um texto a partir da redação aceita como padrão) (PICKERING, s./d.).

Dentre estas diferenças está aquela que tem chamado a atenção de estudiosos especializados no tema, como críticos textuais e exegetas: o “final longo” do livro de Marcos. O livro denominado evangelho de Marcos encontra-se nas Escrituras Sagradas como sendo o terceiro evangelho, entre os quatro evangelhos escritos. É o menor em conteúdo em relação aos outros, porém, a sua mensagem é rica e preciosa. Composto por 16 capítulos, Marcos contém muitas curiosidades e problemas que têm levado teólogos e estudiosos a se debruçarem sobre si com afinco, principalmente nas últimas décadas.

Segundo Paroschi (2012, p. 208):

O problema desse evangelho se encontra em seu último capítulo, o 16, que envolve o seu epílogo, ou seja, o seu final. Por muitos anos, esse capítulo tem sofrido amplo questionamento, desde que “Tischendorf descobriu o Códice Sinaiticus, em meados do século dezenove” por conta de quatro possíveis finais que estão identificados em seu final.

De acordo com Omanson (2010, p. 104, *apud*, PICKERING, sd, p. 223):

São eles: O “final breve” que ocorre logo após o versículo 8 com as palavras εφοβουντο γαρ (porque temiam); um acréscimo logo após o versículo 14 com as palavras ἐπίστευσαν. καὶ εἶπεν αὐτοῖς (acreditaram. E disse-lhes); e os dois epílogos mais conhecidos e debatidos entre os estudiosos, os assim chamados “final breve”, abrupto (Mc 16.8, sem acréscimo) e “final longo” (Mc 16.9-20, completo). Enfim, esses doze últimos versículos têm sofrido maiores questionamentos por parte dos estudiosos do texto.

Essa posição do “final longo” de Marcos, como necessário objeto de estudo, é colocada pelo teólogo e exegeta Paulo Roberto Batista Anglada (2014, p. 143), em

“Manuscritologia do Novo Testamento”, com as seguintes palavras: “o final do evangelho de Marcos é um caso de estudo adequado para ilustrar as questões textuais enfrentadas pelos estudantes do Novo Testamento”. É um caso especialmente para os estudiosos conhecidos como “críticos textuais” que têm a função de analisar em detalhes as cópias dos autógrafos, para trazer ao público uma melhor clareza do texto, aproximando-se assim ao máximo do seu provável original.

Segue-se que um olhar mais analítico do texto de Marcos 16 levou críticos, especialmente os manuscritólogos Kurt e Barbara Aland (2013, p. 300), em “O texto do Novo Testamento”, a afirmarem que, “em termos de texto, Marcos 16.9-20 parece totalmente convincente”. Realmente, quando essa parte do livro de Marcos, que é seu epílogo, é olhada nas Bíblias que estão nas mãos dos cristãos atuais, não gera qualquer descrédito ou questionamento.

Contudo, desde as últimas décadas do século XX, com a referida descoberta de Tischendorf, essa posição vem sofrendo forte oposição de críticos que buscam identificar qual é o epílogo em questão, ou seja, qual é o final do livro e quem o escreveu, pressupondo exatamente o que é denunciado por correntes conservadoras da Crítica Textual, aqui representados por Anglada (2014) e Omanson (2010), já mencionados, e Aland e Aland (2013), Paroschi (2012) e Pickering (s./d.), como segue.

Pickering (s./d., p. 216) lembra que a crítica textual do Novo Testamento tem defendido, por quase um século e meio, que “Marcos 16:9-20 não foi e não poderia ter sido escrito por Marcos” e que “a passagem foi adicionada posteriormente.” (*sic*) Isso significa que, para essa crítica textual, o “final longo” foi escrito por outra pessoa.

Segundo esses críticos, no texto de Marcos há evidências de que provavelmente o “final longo” tem algumas palavras e até mesmo um estilo diferente do restante do texto do evangelho e que o conteúdo do “final longo” não tem conexão com outras partes do Novo Testamento.

A Igreja Cristã, por outro lado e por todo o mundo, tem adotado o “final longo”, o chamado final canônico. Esse é o problema que gerou esta pesquisa: o “final longo” é ou não um texto da autoria de Marcos? Faz ou não parte do terceiro evangelho? É ou não um texto legítimo?

Já indicado no início, há quatro possíveis finais para o capítulo 16 de Marcos e, por extensão, para o evangelho de Marcos. Neste artigo a atenção é dada aos

dois principais finais: o breve (cap. 16, até o v. 8) e o longo (cap. 16, até o 20). Isso se dará a partir da posição das duas principais linhas de análise, as quais diferem substancialmente entre si.

2 OS DOIS PRINCIPAIS FINAIS DO EVANGELHO DE MARCOS: A POSIÇÃO CRÍTICA

A linha de análise adotada nesta parte é a chamada posição crítica, caracterizada por seguir uma média de dez manuscritos de data bem recuada (terceiro ao quinto século), que geralmente discordam da maioria (cerca de oitenta por cento) (PICKERING, *s./d.*). A partir desse entendimento, a análise de cada um dos finais em questão, apresentada acima, passa a ser feita por meio da Crítica Textual aplicada com base na documentação apresentada no aparato crítico de Marcos 1:8, conforme encontrado na 5ª. edição de ONTG.

Em termos de revisão, foram apresentados quatro términos como possíveis ao capítulo 16 e ao evangelho de Marcos. São eles: os finais nos versos 8 e 14, ambos com acréscimo de algumas palavras dos versos posteriores, e nos versos 8 e 20, ambos sem acréscimo.

A discussão que ocorre e que tem ficado muito clara no decorrer dos anos, é sobre qual dos dois podemos acreditar que realmente é o verdadeiro e que provavelmente está de acordo com os autógrafos. Na história da Teologia consta que os pais da igreja conheciam quase por completo os finais de Marcos, tanto o “final longo” (16.9-20) quanto o “final breve” (16.8). Entre esses pais encontram-se: Tertuliano (160-220 d.C.), Taciano (120 – 172 d.C.), Irineu (130 – 202 d.C.), Eusébio (230-339 d. C.), Jerônimo (347-420 d. C.). É sempre bom lembrar que os testemunhos dos pais da igreja são muito relevantes para a credibilidade de textos gregos antigos. Omanson (2010, p. 15), inclusive, credencia esses autores da Patrística ao afirmar que seus escritos “podem ser datados e localizados geograficamente com relativo grau de certeza.”

Falando sobre o “final longo”, Aland e Aland (2013, p. 301) dizem: “contém afirmações importantes, para não dizer fundamentais, tanto em termos teológicos quanto eclesiásticos”. Continuam:

Quase não dá para entender, pois os dois finais (o mais breve e o mais longo) são concorrentes, sendo que um exclui o outro. Mesmo assim os manuscritos e as traduções transmitiram isso ao longo de muitos séculos, e tudo porque dois finais, ou um de cada vez, apareciam um exemplar da tradição manuscrita.

A necessidade fundamental da Igreja de saber sobre a idoneidade de seu texto sagrado, no caso sobre qual é o verdadeiro final do livro de Marcos, fez com que muitos pesquisadores se dedicassem para ajudar a esclarecer essa grande dificuldade encontrada. Destacaremos e discorreremos, portanto, sobre os dois finais mais discutidos, em busca de uma sustentação firme em relação ao qual devemos apoiar.

Vejamos, em primeiro lugar, o “final longo” a partir do aparato crítico de Marcos 16.8, na 5ª. edição de “O Novo Testamento Grego” (2021), que é o espaço utilizado pela Comissão Editorial para apresentar a leitura adotada e suas variantes.

2.1 O “Final longo”

O término de Marcos como o conhecemos (versos 9-20) é o que aparece na grande maioria dos manuscritos (ca. de 95 a 99% deles), alguns dos quais o trazem com sinais ou comentários críticos, que eram recursos utilizados sempre que havia suspeita quanto à credibilidade do texto. Omanson (2010, p.103), afirma que: “Esse final de Marcos ficou conhecido a partir da versão King James, e de outras traduções dos *textus receptus*”.

Nas palavras de Anglada (1996, p. 16, 17), o *Textus Receptus* é fruto do primeiro período da história do texto do Novo Testamento, o qual “caracteriza-se pelo estabelecimento e padronização do texto encontrado na grande maioria dos manuscritos usados pela Igreja Antiga e Medieval. Este texto é conhecido pelos nomes de bizantino, sírio, tradicional, eclesiástico ou majoritário.” Começa pela impressão feita por Ximenes (1514) e estende-se até as edições publicadas pelos irmãos Elzevir (1678), então denominadas pela expressão em questão, *Textus Receptus*. Sobre sua trajetória mediada pelas diversas traduções, afirma Omanson (2010, p. 203):

O *Textus Receptus* foi utilizado para a criação de várias outras traduções da Bíblia para várias outras línguas, como as Bíblias de Lutero em 1522, a de Tyndale em 1526, e a do rei James em 1611, e também para a tradução de João Ferreira de Almeida para o português em 1681.

Contudo, com a deposição do *Textus Receptus* (TR), ocorrida a partir da teoria crítica de Westcott-Hort (séc. XIX), toda análise textual passou a ser feita por meio da chamada Crítica Textual, a qual tem, como representante, o Texto Crítico. Crítica Textual refere-se ao exame do texto escrito em relação à sua produção material, transmissão através do tempo e edição. Ocupa-se com a natureza e a origem de todos os testemunhos (manuscritos) dos livros bíblicos e tem, como objetivo, chegar o mais próximo possível do autógrafo, isto é, do texto escrito por seu próprio autor (COELHO, 2021, p. 69-70).

E o Texto Crítico (TC), em caráter eclético, refere-se ao texto fundamentado na minoria dos manuscritos do Novo Testamento atualmente existentes, de família textual Alexandrina. Em certo sentido opõe-se ao *Textus Receptus* (TR); começou com Lachmann (séc. XIX), tem como seus maiores defensores Westcott e Hort que, aliás, deram-lhe a hegemonia experimentada ainda hoje e sua propagação deve-se às edições da Nestle-Aland (NA) e da United Bible Societies (UBS) (ANGLADA, 1996, p. 17).

O aparato crítico da 5ª. edição de “O Novo Testamento Grego” (ONTG) (2021, p. 152) classifica o “final longo” como variante ao “final breve”, a leitura adotada. Lista os seguintes manuscritos como os documentos a subsidiar esse final: os unciais A, C, D e W (todos do século V), D e Q (ambos do séc. IX); os minúsculos f13, 28, 33, 157, 180, 565, 597, 700, 892, 1006, 1010, 1071, 1241, 1243, 1292, 1342, 1424 e 1505 (todos a partir do séc. IX); os bizantinos E, G e H (todos dos sécs. VIII e IX) e S (séc. XI); alguns lecionários (a partir do séc. XI); as versões antigas it, vg, sir, cop, arm, eti, geo e esl (todas datadas entre os sécs. IV e IX); e os pais Irineu, Astério, Constituições-Apostólicas, Dídimo, Epifânio, Marcos-Eremita, Severiano, Nestório, Rebatismo, Ambrósio e Agostinho (os quais escreveram entre os sécs. II e V).

Para Dewey M. Mulholland, em “Introdução e comentário: Marcos” (2007), Russell Norman Champlin, em “O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo: artigos introdutórios, Mateus, Marcos” (2002), e William Hendriksen, em “Comentário do Novo Testamento: Marcos” (2003), a evidência externa ou textual que esses documentos trazem; não apoia a existência desses versos no autógrafo do Evangelho de Marcos.

Para lidar com essa questão é necessário começar com a identificação dos documentos que favorecem cada um dos finais em disputa, a começar com aquele

que subsidia o “final longo”. Isso implica na necessidade de um argumento textual, que será apresentado, abaixo, a partir de Aland e Aland (2013), Champlin (2002), Hendriksen (2003), Mulholland (2007), Omanson (2010), Paroschi (2012) e Pickering (s./d.), lidando com dois tipos de evidência: a externa e a interna.

Os 12 últimos versículos do evangelho de Marcos, em questão, enquanto aparecem nos documentos listados, não aparecem em manuscritos considerados necessários para a determinação que se busca; não aparecem, portanto, nos dois mais antigos manuscritos gregos (κ e B, ambos do século IV d. C.), no Bobiense da Antiga Latina (it^k, séc. IV/V), no da siríaca sinaítica (sir^s, séc. III/IV), em cerca de cem armênios (arm^{mss}, séc. Vss), e nos dois mais antigos georgeanos (geo^{1, A}, séc. Vss). Também não há indícios que os Pais da Igreja, Clemente de Alexandria (séc. II) e Orígenes (séc. III), tinham conhecimento da existência desses versículos. Além disso, autores dos séculos IV e V, respectivamente Eusébio e Jerônimo, afirmam que estes versículos estavam ausentes de quase todas as cópias gregas de Marcos que eles conheciam (HENDRIKSEN, 2003; OMANSON, 2010).

Contudo, pela relação de documentos listados no aparato crítico da 5ª. edição de ONTG (2021), acima, é preciso considerar que muitos outros documentos gregos contêm essas palavras. Por outro lado, afirma Hendriksen (2003, p. 860, ênfase do autor), “quando se pesa a evidência dos manuscritos e os mesmos são *propriamente avaliados*, e não *simplesmente contados*, a balança pende, decisivamente, em favor da omissão desses versículos contestados.”

A evidência interna, de igual modo, também não apoia a existência desses versículos no autógrafo grego. Essa conclusão vem de três argumentos relacionados ao exame do texto em questão, elaborados por Hendriksen (2003): 1. O argumento baseado na clareza das palavras, 2. O argumento baseado no estilo do autor e 3. O argumento baseado no conteúdo da passagem.

De acordo com o primeiro deles (argumento baseado na clareza das palavras), há uma diferença no número de palavras inéditas usadas nos v. 1-8 e nos v. 9-20. Nos v. 1-8, são quatro palavras, o que corresponde a uma palavra inédita a cada dois versículos; e nos v. 9-20, há quatorze palavras que não são encontradas no restante do livro, sendo que algumas, ao serem repetidas ali, eleva o número real de ocorrências para dezoito palavras inéditas. Isso corresponde a um pouco mais de uma palavra por versículo. Além do já apresentado, há palavras com uso diferente daquele feito no restante do livro, como “aparecer/apareceu”, no v. 9 e “esse/esses”,

nos v. 10, 11 e 13; e há, também, frases exclusivas como “depois dessas coisas” (v. 12), “falarão em novas línguas” (v. 17), “cooperando com eles o Senhor” e “confirmando a palavra por meio de sinais” (v.20). Nas palavras de Hendriksen (2003, p. 860), “Essa evidência é muito forte.”

O segundo argumento, baseado no estilo, que pode indicar a autoria por parte de um outro autor, que não o próprio João Marcos, o característico *kai/ (e)* da literatura marcana só aparece seis ou sete vezes na função de início de sentença, enquanto nos v. 1-8 ocorre oito vezes. Em outras palavras, no trecho de 9-20 a conjunção aparece uma vez a cada dois versículos, enquanto no trecho de 1-8 aparece 1 vez a cada versículo. Isso indica, nas palavras de Hendriksen (2003, p. 862), “uma transição de uma coordenação de cláusulas para uma subordinação, de um estilo paratático para um hipotético.” Essa é uma mudança que deve ser considerada.

E o terceiro argumento, baseado no conteúdo, e também o último, traz os seguintes itens que pontuam uma grande diferença entre os dois blocos (v. 1-8 e v. 9-20): a) os v. 1-8 trazem o “jovem vestido de branco” dizendo às mulheres que Jesus, agora ressuscitado de entre os mortos, encontraria os discípulos e Pedro na Galileia; porém, os v. 9-20 trazem, de forma sumariada, acontecimentos sem indicar onde acontecem (Judeia? Galileia?); é certo, porém, que os v. 15 e 16 lembram Mateus 28.19 que registra as palavras pronunciadas pelo Senhor ressurreto na Galileia (cf. Mt 28.16). Porém, não há uma menção por parte do autor desse trecho de Marcos sobre os acontecimentos na Galileia. Além disso, tem o caso de Maria Madalena, anteriormente citada em 15.47 e 16.1, “é introduzida como se não tivesse sido nem mesmo mencionada: ‘Maria Madalena, da qual expelira sete demônios’ (cf. Lc 8.2)” (HENDRIKSEN, 2003, p. 863).

Tudo isso indica que, pela análise textual, seja utilizando o recurso das evidências externas (datação, qualidade etc.) ou aquele referente às evidências internas (vocabulário e estilo compatível com o do autor, bem como conteúdo correspondente), a possibilidade de o evangelista Marcos ter escrito Marcos 16.9-20 deve ser rejeitada.

É necessário, agora, conhecer a construção textual em torno do “final breve” sem acréscimos, igualmente com base no aparato crítico de Marcos 16.8, que é o espaço adotado pela Comissão Editorial de “O Novo Testamento Grego” (2021) para apresentar as possibilidades encontradas.

2.2 O “Final breve”

O final curto ou breve do evangelho de Marcos foi sustentado firmemente desde o início do século XIX por muitos estudiosos que o adotaram após o “final longo” ser fortemente questionado. O “final breve”, a partir de seu estabelecimento (séc. XIX por Westcott-Hort), tem sido defendido pela maioria dos críticos textuais.

Assim como na discussão sobre o “final longo”, segue-se a apresentação das testemunhas em favor do “final breve”. Antes de tudo, a leitura adotada por ONTG^{5a. ed.} (2021, p. XVII), conforme indica o aparato crítico desta edição, contém o “final breve”. Neste aparato, essa leitura é adotada com grau de certeza A, indicando que a Comissão Editorial considerou “que é certo que o texto é esse mesmo”.

Na lista de testemunhas que apoiam essa leitura, estão os seguintes documentos: os mais antigos e relevantes manuscritos gregos, κ e B (ambos do século IV); o minúsculo 304 (séc. XII); as versões antigas siríaca sinaítica (sir^s, séc. III/IV), cop^{samn}s (séc. IIIss), a arminiana (arm^{mss}, séc. Vss), os dois mais antigos georgeanos (geo^{1, A}, séc. Vss); os pais Eusébio (Eus^{seg. Eusebio}, séc. IV), Epifânio (Epi^{1/2}, séc. V), Hesíquio (Hes^{seg. Severo}, séc. V) e Jerônimo (Jer^{seg. Jerônimo}, séc. V).

Uma simples comparação desta com a lista de testemunhas de apoio ao “final longo” (ver Seção “Final Longo”, acima), considerado uma variante pela Comissão Editorial de ONTG^{5a. ed.}, indica que a grande questão gira em torno da existência, que favorece a leitura (“final breve”), dos relevantes manuscritos κ e B, ambos do século IV e classificados na Categoria I, além de outras grandes testemunhas, como as versões antigas datadas desde o século III. Quanto ao apoio da variante (“final longo”), em seu grupo estão manuscritos de qualidade inferior (A, C, D, W, Q, classificados nas Categorias II-V, e datados posteriormente), seguidos de minúsculos (documentos do século IX em diante), ainda que o uncial A tenha certa relevância.

Portanto, a evidência documental que apoia o “final longo” é o principal argumento em favor do “final breve”. A evidência interna, que também contraria a demanda do “final longo” como de genuína autoria de Marcos, também é considerada um apoio complementar em favor do “final breve”. O argumento baseado no uso do vocabulário favorece o “final breve” na medida em que identifica apenas quatro palavras inéditas na passagem dos v. 1-8 contra dezoito na passagem de 9-20; o argumento baseado no estilo favorece o “final breve” quando

identifica o característico kai/ (e) de Marcos numa média de uma vez por versículo contra uma vez por cada dois versículos; e o argumento baseado no conteúdo também o favorece, pois o anúncio celestial de que Jesus encontraria os discípulos e Pedro na Galileia, na passagem dos v. 1-8, não foi confirmado na passagem posterior (v. 9-20), e o que foi confirmado, a introdução de Maria Madalena na história, não deveria ter sido pois ela já fora introduzida na narrativa (15.47; 16.1).

3 OS DOIS PRINCIPAIS FINAIS DO EVANGELHO DE MARCOS: A POSIÇÃO CONSERVADORA

Ao contrário da posição crítica, a linha teológica, cuja posição é conservadora em relação à Crítica Textual é aquela que segue a maioria dos manuscritos (entre 80% e 95%) e que contêm uma concordância essencial entre si mesmos, mas datam do século V em diante. (PICKERING, *s./d.*, p. 1). Assim como ocorreu na análise sob a posição crítica, esta será feita por meio da Crítica Textual aplicada com base na documentação apresentada no aparato crítico de Marcos 1.8, conforme encontrado na 5ª. edição de ONTG.

Isso será feito por meio de três argumentos em favor da opção canônica feita pela Igreja, que é o “final longo”: o argumento textual, o argumento bibliológico e outros argumentos.

3.1 O argumento textual

Especialistas em Crítica Textual (ALAND; ALAND, 2013; PAROSCHI, 2012; PICKERING, *s./d.*), afirmam que o “final longo” de Marcos se encontra em 1800 manuscritos gregos, e também em todos os lecionários conhecidos. Burgon (apud PICKERING, *s./d.*, p. 180) afirma que eram lidos nas congregações dos fiéis e que, desde aqueles primeiros séculos do Cristianismo, “Marcos XVI 9-20 tem sido, em todos os locais e por todos os ramos da Igreja Católica, designado para duas das maiores festas da Igreja – Páscoa e Ascensão”. Sobre sua presença nos manuscritos gregos, deve-se considerar que, se estava presente em 1800 deles, estava ausente em três: os códices \aleph (Sinaítico ou 01) e B (Vaticano ou 03), ambos do séc. IV, e o minúsculo 304, do séc. XVII; está ausente também em

Eusebio de Cesareia (ca. 260-339 d. C.). E é com base nesses documentos que será feito o argumento em favor do “final longo”, abaixo.

Os dois códices mais importantes da manuscritologia do NT

Uma evidência que comprova a legitimidade do “final longo” como sendo escrito por Marcos e o final original de seu Evangelho, é a sua ausência nos dois mais importantes códices antigos, o Sinaítico (κ ou 01) e o Vaticanus (B ou 03). Isso porque nesses códices, apesar de serem realmente de muito valor e credibilidade, existem algumas fragilidades e incoerências que os tornam alvo de dúvidas sobre se realmente são os melhores escritos antigos que temos para análise do “final longo” de Marcos. Aland e Aland (2013, p. 17), autoridades no assunto, afirmam sobre o Sinaítico: “O texto, que apresenta muitas leituras singulares (e descuidos), foi supervalorizado por Tischendorf, mas, em termos de valor, é inferior ao texto de B”; e, sobre o Vaticanus, os autores afirmam: “A origem e a procedência de B são desconhecidas.”

3.1.1 Códice Sinaítico (κ ou 01)

Expandindo essas afirmações, Pickering (s./d., p. 181) é enfático ao dizer que, embora o Sinaítico seja aparentemente o mais antigo dos manuscritos siríacos em existência, ele não é representativo da tradição siríaca. Além disso, trata-se de um palimpsesto, ou seja, um pergaminho cujo texto fora eliminado para permitir sua reutilização. Assim, afirma ele, o Sinaítico “foi raspado para dar lugar a algum material devocional, o que é um eloquente comentário sobre avaliação da sua qualidade, na sua época!”

Além disso, o códice Sinaítico não é o principal manuscrito da tradição siríaca, ou seja, ele não deve ser o manuscrito com total credibilidade para que outros estudiosos se apoiem nele para anular o “final longo” e até mesmo a autoria de Marcos. Anglada (2014, p. 156) concorda e acrescenta:

O códice Sinaítico também apresenta problemas no final do Evangelho de Marcos[...] As colunas que continham cerca de 17 letras por linha, passam a conter cerca de 16, 15, até chegar aproximadamente a apenas 12 letras por linha. Aparentemente na tentativa frustrada de preencher o espaço vago que, originalmente, deveria conter o final mais longo do Evangelho de Marcos.

Percebe-se, através desta informação, que o códice Sinaítico, quando foi escrito pelo escriba, omitiu aparentemente de propósito o “final longo” de Marcos 16, pois havia espaço suficiente para ter escrito os versículos 9-20, mas isso não foi feito, ou seja, o códice demonstra uma grande discrepância.

Vale acrescentar que há outras partes do livro de Marcos ausentes desse códice, o que deveria colocar todas elas sob suspeita em relação à sua legitimidade como de autoria de Marcos. São elas: 7.16, 9.44, 9.46, 11.26, 15.28, além de 16.9-20. (METZGER, 2001.)

3.1.1.2 Códice Vaticanus (B ou 03)

Em relação ao códice Vaticanus demonstra claras “falhas” em sua composição. Ele deixa uma coluna em branco seguindo o seu final truncado de Marcos. Entre o Evangelho de Marcos e Lucas existe uma folha (coluna) completamente vazia, ou seja, não tem nada escrito nele. Essa é a única coluna em branco em todo o códice. Isso dá a entender que o escriba hesitou quando escreveu. Talvez o seu exemplar tivesse o assim chamado final mais longo de Marcos, isto é, os versos 9-20, e ele possuísse instruções para não o incluir. Sua hesitação fez com que ele deixasse o espaço para permitir reconsiderações. Quando se considera que o códice foi escrito em pergaminho e era um material muito caro na época, deixar uma coluna inteira em branco era um total “desperdício.” (ANGLADA 2014, p. 156).

Outro argumento é que o códice Vaticanus, por ser um escrito alexandrino, teria omitido o “final longo” porque essa era a maneira como os críticos textuais alexandrinos lidavam com seus princípios textuais. Exemplos: Zenodoto (c.325 c. 234 AC), Arífontes (ca. 257-180 a. C.) e Aristarco (ca. 220-145 a. C.) eliminavam qualquer passagem que fosse considerada ofensiva ou indigna dos deuses. Mesmo que a passagem se encontrasse nas consideradas cópias mais antigas. Com isso, escritores cristãos como Orígenes (séc. II) parecem ter adotado esses princípios (ANGLADA, 2014).

O “final longo” de Marcos, como conhecemos hoje, contém ensinamentos que parecem “ofender” muitos leitores sérios da Bíblia, isso pelo fato de dizer que se pegar em serpentes e escorpiões, e se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dando algum (V.18). Esses detalhes, conforme o argumento de Anglada, foi

decisivo para que escritores alexandrinos, ao escreverem o “melhor” códice alexandrino (Vaticanus), omitissem o “final longo” e, assim, colocassem em dúvida a sua autenticidade como final original e como sendo da autoria de Marcos.

Enfim, quando os críticos utilizam os códices Sinaíticus e Vaticanus, ainda que sejam muito importantes como referências para traduções bíblicas, para tirar ou colocar em dúvida a legitimidade e autoria do “final longo” de Marcos como consta em nossas Bíblias atuais, parece mesmo uma fraude. As discrepâncias desses códices colocam uma incógnita: será que realmente eles são os melhores e com total credibilidade para omitirem o “final longo” de Marcos 16.9-20? (ANGLADA, 2014; PICKERING, *s./d.*).

O minúsculo 304

Esse manuscrito, do século XII, contém os evangelhos de Mateus e de Marcos, porém não traz o “final longo” de Marcos. Não aparece nas principais listas de minúsculos de Kurt Aland e Barbara Aland, em “O texto do Novo Testamento” (2013), Russel Norman Champlin, em “O Novo Testamento interpretado versículo por versículo” (2002, v. 1) e de Wilson Paroschi, em “Origem e transmissão do texto do Novo Testamento”, apesar de ser listado no aparato crítico de ONTG^{5ª. ed.}

A ausência desse documento nas principais listas de manuscritos colocados para as discussões em torno do estabelecimento do texto original é um forte indicativo de sua falta de importância, pelo menos até esse momento das pesquisas. Isso leva a uma outra conclusão: a ausência do “final longo” de Marcos neste documento não o descredencia como um final legítimo.

3.1.1.3 Os Pais da Igreja

Sobre a importância dos demais Pais da Igreja para a Crítica Textual, Omanson (2010, p. 15) afirma: “se realmente quisermos reconstruir um texto mais próximo do original, temos que nos valer das fontes escritas pelos pais da igreja”. Dentre esses Pais encontram-se Eusébio, Jerônimo e Irineu de Lion.

Eusébio de Cesareia (ca. 230-339 d. C.) é considerado a principal fonte patrística contra o “final longo” de Marcos. Porém, ao checar 151 manuscritos gregos que têm “seções eusebianas” marcadas na margem, Burgon (*apud* PICKERING, *s./d.*, p. 182) ofereceu aos pesquisadores uma boa tabulação que leva

a concluir que “em três quartos destes MSS os números das seções manifestamente vão além do v. 8, e os dois manuscritos mais antigos (A e C) não ajudam na argumentação pró omissão.”

Jerônimo e Irineu de Lion, por outro lado, oferecem evidências mais claras de seu conhecimento e uso do “final longo”. Jerônimo (347-420 d. C.) é um Pai da Igreja que não somente citou o “final longo” de Marcos como também o manteve em sua tradução da Bíblia, a Vulgata Latina. Sobre isso, Pickering (s./d., p. 233) escreve:

A avaliação de Jerônimo é clara pelo fato de que ele incluiu Marcos 16.9-20 na sua vulgata Latina, e também citou os versos 9 e 14 nos seus escritos. No entanto, uma vez que citou Marcos 16.19 e expressamente declarou que Marcos escreveu as palavras, sua posição é clara.

A posição de Jerônimo, que viveu no séc. IV, mesmo século em que surgiram os códices em questão (Sinaítico e Vaticanus) é realmente clara: ele incluiu os vv. 9-20 em sua tradução, considerando-os inspirados, citou dois desses versos em seus escritos e, de forma expressa, declarou que Marcos os escrevera.

Irineu de Lion (130-202 d. C.), é um Pai da Igreja considerado fundamental nessa discussão, com gozo de grande credibilidade, especialmente por sua influência na história da Igreja. Ele fez menção do “final longo” de Marcos e goza de grande credibilidade. Sobre ele, Anglada (2014, p.153) afirma:

escrevendo por volta do ano 180 (muito antes, portanto, do códice Vaticano, Sinaítico e Eusébio), Irineu cita Marcos 16.19, no seu livro III,10: 5-6, da sua carta Contra Heresias, como segue: ‘ao aproximar-se o final do seu Evangelho, Marcos diz: de fato, depois de o Senhor Jesus Ihe ter falado, foi recebido nos céus, e assentou-se à direita de Deus.’

É certo que, além do mérito do testemunho, a grande importância desse argumento encontra-se no fato de Irineu ter escrito Contra Heresias antes do surgimento dos dois mais importantes códices (Sinaítico e Vaticanus) da posição crítica e antes de Eusebio. Sobre sua posição, Pickering (s./d., p. 237) escreve:

Irineu conheceu Policarpo pessoalmente, o qual conheceu o apóstolo João pessoalmente, o qual conheceu Marcos pessoalmente. Irineu declara que Marcos escreveu 16.19. Quem entre nós está qualificado para dizer que ele estava iludido?

Enfim, testemunhas como Jerônimo e Irineu corroboram a veracidade, autenticidade, confiabilidade e aceitação do “final longo” de Marcos como sendo o final legítimo do Evangelho de Marcos.

3.2 O argumento bibliológico

Este ponto lidará com o problema à luz da bibliologia, a partir do exame da questão à luz de duas doutrinas bibliológicas: a doutrina da inspiração e a da preservação das Escrituras. A doutrina da inspiração afirma a origem divina das Escrituras, a qual foi escrita por pessoas “movidas pelo Espírito Santo, de tal modo dirigidas por ele, que o que foi registrado por elas nas Escrituras constitui-se em revelação autoritativa de Deus.” (ANGLADA, 1998, p. 50)

Com isso em mente, argumenta Pickering (*s./d.*, 175), a doutrina da inspiração divina não admitiria um erro desses que é o de ter uma porção na Bíblia que não fosse inspirada. Ou melhor, o comissionamento divino para essa biografia de Jesus Cristo seria suficiente para proteger a versão oficial do Filho de Deus de acréscimos ou supressões.

Nesse argumento, ele estabelece primeiro o desejo divino de que as gerações posteriores àquela tivessem uma biografia oficial de Jesus Cristo descrevendo sua vida, morte e ressurreição, e isso com a exatidão necessária ao seu propósito de revelar por seu intermédio o Filho de Deus; em seguida, argumenta que isso faz do evangelho de Marcos uma biografia oficial do Filho e, por consequência, uma biografia “comissionada pelo Pai e escrita sob o controle do Espírito Santo”; depois acrescenta que essa supervisão do Espírito Santo é a garantia da integridade do texto; e, então, conclui ironicamente afirmando que:

Se Deus tentou, mas foi impotente para impedir que Marcos fosse mutilado de tal modo, como poderemos estar seguros de que o livro não foi mutilado em outros locais e de outras maneiras, ou mesmo mutilado sistematicamente? Pior ainda, como podemos estar seguros de que outros livros do Novo Testamento (ou talvez mesmo todos eles) também não foram mutilados? Seja como for, o grau de mutilação não seria mais a questão principal, porque se Deus foi incapaz de proteger Sua Palavra, então Ele não seria realmente Deus e não faria muita diferença o que Ele disse. A Bíblia perderia sua autoridade e, conseqüentemente, sua importância.

Isso seria inconcebível. A fé, a doutrina, a Igreja, o Cristianismo seriam, todos, vazios de sentido sem a integridade do texto bíblico!

Além da inspiração divina, Pickering (*s./d.*) avança para outra doutrina bibliológica pertinente para amparar seu argumento de que o “final longo” é o legítimo: a doutrina da preservação das Escrituras. Essa doutrina afirma que o texto bíblico foi inspirado por Deus com o propósito de garantir seu fiel registro nas

Escrituras, e que “tem sido cuidadosamente por Ele preservado no decorrer dos séculos, de modo a garantir que aquilo que foi revelado e inspirado continue disponível a todas as gerações subsequentes.” (ANGLADA, 1998, p. 94)

Nesse segundo argumento Pickering (s./d.) diz que a doutrina da preservação das Escrituras, de igual modo, não admitiria semelhante erro. Neste caso, a inspiração teria garantido a proteção ao texto comissionado pelo Pai e supervisionado pelo Espírito Santo, mas só sobre a escrita do autógrafo e não sobre o autógrafo. Em outras palavras, Deus mesmo teria escolhido não proteger o autógrafo que ele mesmo quisera; isso significa que ele mesmo permitiu que o final original de Marcos se perdesse antes que quaisquer cópias fossem feitas. E então, no mesmo tom de ironia, Pickering (s./d., p. 176) conclui:

Se Deus permitiu que o final original de Marcos se perdesse antes que quaisquer cópias fossem feitas, então a biografia foi ‘publicada’ em uma forma gravemente incompleta, e torna-se decididamente difícil falar de sua inspiração ‘verbal e plenária’. Se Deus permitisse uma mutilação de tal magnitude, então que segurança temos de que Ele não permitiria qualquer número de mutilações adicionais? Novamente, o problema se estende aos outros livros do Novo Testamento. Controle de qualidade teria desaparecido pela janela e teríamos sido deixados ‘assobiando no escuro.’ Se Deus não vai proteger Seu texto, o propósito da inspiração vai se frustrar, não?

Com esses dois argumentos ele conclui ser inconcebível que uma biografia oficial do Filho de Deus, comissionada pelo Pai e escrita sob o controle de qualidade do Espírito Santo, omitisse provas da ressurreição de Jesus Cristo, excluísse todas as suas aparições pós-ressurreição e terminasse com a literariamente desajeitada cláusula “pois temiam”.

3.3 Outros argumentos

É muito difícil crer que Marcos tivesse a intenção de terminar o seu Evangelho no verso 8. Sem o “final longo”, o término de Marcos 16 é desajeitado e sem qualquer conexão. Por isso, alguns estudiosos se posicionam a favor desse final pelo fato de não aceitarem que o final do evangelho terminasse com uma nota sombria de medo, ou seja, o final breve não é o término ideal para o capítulo 16 do evangelho (CAMERY-HOGGATT, 2021; PICKERING, s./d.).

Não se pode crer que este final foi escrito por outra pessoa que não seja o evangelista Marcos. Apesar de muitos questionamentos por parte dos que não creem no “final longo” como sendo escrito pelo evangelista, podemos perceber pela

coerência entre este final e o restante do capítulo e até mesmo do livro, que seu autor não deveria ser outro a não ser o próprio evangelista Marcos [PICKERING, s./d.]

Mas se realmente Marcos escreveu o “final longo”, o que aconteceu com o registro da escrita? Camery-Hoggat (2021) entende que o “final longo” foi escrito por Marcos, porém a sua cópia original não prevaleceu devido o desgaste causado pelo uso constante, prolongado etc. e que, apesar do desgaste em questão, cópias substitutivas não foram feitas a tempo.

Archibald Thomas Robertson que, em "Comentário Mateus e Marcos", (2017, p. 547), diz que a autoria é mesmo de Marcos e que “É difícil acreditar que Marcos termine o evangelho no versículo 8, a menos que tivesse tido uma pausa na escrita. Uma folha ou coluna pode ter sido arrancada ao término do rolo de papiro.”

A hipótese mais popular, porém, é “que o autógrafo foi produzido como um códice (não como um rolo) e que a folha (ou folhas) contendo o seu final original foi rasgada fora e perdida antes que qualquer cópia fosse feita.” (METZGER, 1971 *apud* PICKERING, s./d., p. 175)

Argumentos que tentam anular o “final longo” como sendo o original e propício para o Evangelho, e tirando a autoria de Marcos são, segundo Pickering (s./d.), todos superficiais quando realmente se aprofunda na análise textual do capítulo 16. O “final longo” traz um melhor “tom” para o capítulo 16 de Marcos, e além de tudo, um esclarecimento do que aconteceu com Jesus Cristo depois de sua ressurreição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final longo deve ser considerado como legítimo à luz da Crítica Textual a partir de uma análise que admite a inspiração das Escrituras e sua preservação daquele que a comissionou, supervisionou e fez-se seu autor primário; e também que considera alguma fragilidade nos documentos usados na argumentação contra o “final longo”, que são: Sinaíticus e Vaticanus, bem como do minúsculo 304 e do testemunho do Pai da Igreja, Eusébio.

É inquestionável que existe o chamado problema textual no final de Marcos. Por muitos anos críticos textuais se lançaram na pesquisa deste texto para ajudar a compreender melhor sobre o referido problema.

O final breve de Marcos é aceito entre muitos como o ideal para o capítulo 16 do livro. Pais da igreja confirmaram a sua autenticidade e credibilidade, e muitos códices Alexandrinos antigos também aderem a esse final.

O "final longo", como está nas Bíblias atuais, aparece em mais de 95% dos escritos antigos. Na linha conservadora, hoje, o mais aceito é realmente o "final longo" com o seu término em 16:20.

Com tantos argumentos de pesquisa, a academia se beneficia com muitos materiais para estudos posteriores e o crescimento institucional no que diz respeito ao estudo acadêmico.

Esse texto, "final longo", mostra que o que Jesus disse é um refúgio, auxílio para muitas pessoas na sociedade em geral. Com promessas e recompensas que satisfazem os olhos e o coração, trazendo fortalecimento, coragem e muito ânimo pra muitos.

É impossível que esse assunto se esgote aqui; o texto e a pesquisa são profundos e preciosos. Enfim, o "final longo" pode ser considerado ou chamado também de "final canônico", isso é mais um incentivo para continuar pesquisando e estudando a fundo sobre esse belíssimo assunto aqui discutido.

REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Testamento Grego**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. A teoria de Westcott e Hort e o texto grego do Novo Testamento: um ensaio em Manuscritologia bíblica. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 15-30, 1996. São Paulo: CPGAJ, 1996.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Manuscritologia do Novo Testamento**: história, correntes textuais e o final do evangelho de Marcos. Ananindeua: Knox Publicações, 2014.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Sola Scriptura**: a doutrina reformada das Escrituras. São Paulo: Os Puritanos, 1998.

BÍBLIA. **O Novo Testamento Grego**. 5ª. ed. rev. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. Edição com aparato e introdução em português.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002.

COELHO, Lázara Divina. **Aplicação do Método Histórico-Gramatical em Lucas 4,16-21**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2021.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: exposição do evangelho de Marcos. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

METZGER, Bruce M. **Un comentario textual al nuevo testamento griego**. Deutsche Bibelgesellschaft: Stuttgart, 2001.

MULHOLLAND, Dewey M. **Introdução e comentário**: Marcos. São Paulo: Vida Nova, 2007.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PICKERING, Wilbur Norman. Qual o texto original do Novo Testamento? **Prunch: Project Underground Churc**. Brasília, s./d. Disponível em: <<https://bit.ly/HYPERLINK>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.